

Seg, 16 de Janeiro de 2012.
 09:32:00.

UAI | PORTAL DIVIRTA-SE
 ANCINE | AGÊNCIA NACIONAL DE CINEMA

Conhecida internacionalmente pela qualidade das novelas, TV brasileira abre espaço para seriados

Nova lei sancionada pela presidente Dilma incentiva programas nacionais

Ana Clara Brant - EM Cultura



O Brasil é conhecido como o país do futebol, do samba, do carnaval e da telenovela, que há 60 anos faz um sucesso estrondoso não só por aqui, mas em diversos países. No entanto, de um tempo para cá, um outro tipo de atração televisiva vem conquistando o público: os seriados. Eles aterrissaram no país ainda nos anos 1950, sendo a maioria oriunda dos Estados Unidos, e, em 1961, foi ao ar a primeira série genuinamente nacional: Vigilante rodoviário.

Principalmente nos anos 1990, quando as emissoras norte-americanas investiram pesado neste tipo de programa e surgiram as TVs por assinatura, os seriados começaram a ganhar a audiência e despertaram interesse da TV aberta brasileira, que passou não só a exibí-los, mas sobretudo a produzi-los.

Na década de 2000, houve um boom neste segmento. Surgiram atrações como A grande família, Os normais e A diarista. Só nos últimos dois anos, a lista pipocou e vieram Força-tarefa, A cura, Tapas e beijos, A mulher invisível, Separação, A vida alheia e por aí vai.

O jornalista e escritor Marçal Aquino, um dos roteiristas de Força-tarefa, acredita que o seriado é um produto consagrado mundialmente e não seria diferente no Brasil. “Acho que há uma tendência mundial em torno do formato, o que levou, por exemplo, os grandes nomes do cinema a aderirem aos seriados. Penso que a televisão está buscando uma sintonia com as demandas do público”, avalia.

Há quem defenda que o êxito das séries pode estar relacionado a uma crise nas novelas, tanto é que não é de hoje que a audiência delas oscila. Para Marçal, há muitos anos se fala neste assunto

e talvez a adesão aos seriados seja uma forma de enfrentar o impasse. “Na minha opinião está distante o dia em que as novelas desaparecerão da grade das emissoras. É um formato vencedor, consolidado no imaginário do público. E ninguém faz telenovela como o Brasil”, defende.

Um dos maiores estudiosos da teledramaturgia nacional e autor do Almanaque da telenovela brasileira, Nilson Xavier não vê relação entre séries e novelas, e acredita que elas têm formatos e públicos diferentes. O pesquisador acrescenta que bons programas sempre terão recepção e que a onda de seriados nacionais é um reflexo do sucesso que o formato faz na TV norte-americana e na TV a cabo daqui.

Comédia

Outro que aponta a influência estrangeira no Brasil é Marcelo Gonçalves, um dos responsáveis pelo texto de uma das séries de maior sucesso da TV brasileira e que vai emplacar em abril a sua 12ª temporada: A grande família. A atração, assim como a maioria dos seriados nacionais, tem o humor como temática.

Marcelo ressalta que a comédia é um filão muito explorado no Brasil e que sempre encontra espaço. Ele acredita que abordar questões familiares também conquista o público. “Temos bons exemplos de seriados famosos nos Estados Unidos em que a família é o tema. Sempre foi uma base muito rica de ser explorada. Mas aqui, mesmo com as influências de fora, temos nosso estilo e nossa linguagem próprios. Acho que, ao contrário do sitcom norte-americano, focamos em grandes histórias, com bons diálogos, e acaba ficando uma coisa boa e sofisticada”, pontua.

Bom momento para a produção

Se quem escreve séries de televisão tem motivos para comemorar, os produtores também colhem os frutos de suas apostas. Andrea Barata Ribeiro, sócia e produtora executiva da O2 **Filmes**, sente que há uma demanda por seriados – e não é de hoje. A empresa em que atua é a responsável por Som e fúria, que foi ao ar em 2009, na Rede Globo, e por Filhos do carnaval, série da HBO indicada ao Emmy Internacional e premiada com o Grande Prêmio da Crítica pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), em 2006. Andrea acredita que há algumas diferenças em produzir material para canal aberto e fechado, mas que o foco é sempre o mesmo: o espectador. “Na TV a cabo você se permite ousar mais, no entanto isso não significa que aquilo que levamos para a TV aberta não seja sofisticado e não tenha qualidade. Foi assim com Cidade dos homens Antonia e com Som e fúria. Foram programas mais elaborados na linguagem e no tratamento visual”, comenta. A O2 está pré-produzindo sua próxima atração, também para a HBO: Destino SP que já está sendo rodada e vai abordar de maneira ficcional a relação dos novos imigrantes que chegam a São Paulo.

Aliás, o que não falta são boas séries nacionais na **TV por assinatura**. Além do citado HBO, elas estão presentes nos canais GNT, Multishow, Canal Brasil e Futura, que não se cansam de investir no formato. Um dos projetos que devem estreiar ainda este ano é a série de ficção Família imperial, que une Canal Futura, TV Globo e Primo **Filmes**. Dirigida por Cao Hamburger, é voltada ao público infantojuvenil e mostra como foi o período imperial no Brasil, as diferenças e similaridades entre o cotidiano vivido na época e o nos dias de hoje. Matias Mariani, sócio da Primo **Filmes**, acredita que o movimento dos seriados é crescente por aqui, porém repara que ainda existe uma diferença entre o mercado brasileiro e o norte-americano, mas que está cada vez menor. “A diferença de know-how se reflete, a meu ver, principalmente na qualidade dos roteiros. A disparidade de orçamentos também é gigantesca. Como falamos necessariamente para o público brasileiro, e no máximo para o público falante de português no mundo – diferentemente dos norte-americanos, que contam com um mercado externo enorme –, acho que temos que nos conformar com essa situação e fazer o melhor com o que temos, sendo criativos dentro das nossas limitações”, analisa.

Tela grande

Cinema e televisão são duas mídias que muitas vezes caminham juntas e os produtores e roteiristas de seriados perceberam isso. O que não falta são séries que viraram filmes – caso de Os normais, A grande família e Cilada – ou vice-versa, como O divã e A mulher invisível. Até programas que nem fazem mais parte da grade das emissoras, mas que foram sucesso no passado, como Armação ilimitada, dos anos 1980, e Confissões de adolescente, da década de 1990, devem ter sua versão cinematográfica em breve.

Para o jornalista e roteirista de Força-tarefa Marçal Aquino, a transformação de seriados em longas é uma boa política para a formação e a manutenção de público do cinema nacional. “Final, os espectadores já têm intimidade com os seriados em questão e vão ao cinema para uma experiência um pouco diferente do modelo exibido pela TV”, diz. Já Marcelo Gonçalves, redator de A grande família, também é a favor dessa experiência, pois, mesmo que a televisão consiga abranger um público mais amplo, o longa-metragem traz grandes vantagens. “Muitas vezes você consegue desenvolver uma história mais interessante no cinema, que não daria para abordar

apenas em um episódio na TV. E até para quem não conhece a série, não deixa de ser uma oportunidade”, analisa.

HORÁRIO NOBRE

O primeiro seriado brasileiro a ocupar a faixa mais disputada na televisão brasileira foi Ciranda, cirandinha, que foi ao ar no fim da década de 1970. Influenciado pelos seriados americanos, deixava de lado heróis e romances açucarados para falar da vida de quatro amigos que dividiam um apartamento no Centro do Rio de Janeiro: Tatiana (Lucélia Santos), Helinho (Fábio Jr.), Suzana (Denise Bandeira) e Reinaldo (Jorge Fernando). Em plena ditadura, ainda sob censura, os episódios traziam questões vividas pela juventude carioca, como sexo, drogas e violência, que não tinham muito espaço na telinha. A série foi criada pelo poeta Paulo Mendes Campos.

enquanto isso...

...novas regras

Recentemente foi sancionado pela presidente Dilma Rousseff o novo marco regulatório da TV por assinatura no Brasil. Entre as principais mudanças estão a abertura desse mercado às empresas de telefonia fixa e ao capital estrangeiro e a fixação de cotas de conteúdo nacional na programação. Pela nova regulamentação, será obrigatória a transmissão de três horas e meia de conteúdo nacional nos canais de filmes, séries e documentários. A **Ancine**, em parceria com a Anatel, vai preparar o regulamento da nova legislação, para que as novas empresas possam começar a atuar no mercado.

Antes mesmo de entrar em vigor, a lei provoca polêmica: há quem considere um importante passo para a valorização das produções brasileiras, enquanto outros a tacharam como uma espécie de censura. Para o estudioso em televisão, Nilson Xavier, a nova lei pode estimular a produção nacional de teledramaturgia. “Acho válido, desde que seja tudo feito com qualidade, não apenas para preencher uma cota”, opina. Matias Mariani, sócio da Primo **Filmes**, também vê com bons olhos a legislação e acredita que ela possa estimular a produção de mais seriados. “É um sinal de que a indústria está se desenvolvendo e, justamente, um motor para acelerar este desenvolvimento”, reforça.

Im